

BRASÃO DE ARMAS
BATALHÃO DE CAÇADORES
PÁRA-QUEDISTAS N.º 31



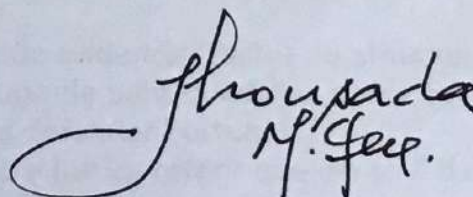
CRACHAT
DA 4.ª CCP



Dedicatória

Este livro é dedicado a todos os pára-quedistas do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas nº 31 que, no período de 24 de Agosto de 1966 a 17 de Agosto de 1968, combateram lado a lado com a **4ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas** em Moçambique e, muito em especial, a todos os companheiros da Companhia que, com o seu esforço e abnegação, souberam e quiseram dignificar as Tropas Pára-quedistas, jamais esquecendo o Silva Ferreira, o Severino, o Dias, o Cebola e o Marreiros que morreram por Portugal.

O autor

A handwritten signature in black ink, reading 'J. Lousada' with 'M. Fer.' written below it.

José Manuel Garcia Ramos Lousada
Major General

PREFÁCIO¹

Este livro surge como resposta a um desejo dos antigos companheiros da **4ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas**, manifestado no decorrer de uma das últimas reuniões anuais de combatentes, após terem tomado conhecimento de que o seu comandante havia escrito o II Volume da História das Tropas Pára-quedistas, referente ao Batalhão de Caçadores Pára-quedistas N° 21.

À pergunta "então a 4ª CCP não tem a sua história?!", a resposta só podia ser este livro.

Muito embora correndo o risco de que, ao passar para o papel, surjam algumas situações com envolvimento pessoal do autor, muito desejava que as mesmas não fossem entendidas como um auto elogio, mas, tão só, interpretadas no sentido de colocar em relevo a coragem, a abnegação e o espírito de sacrifício de que os oficiais, sargentos e praças da 4ª CCP deram provas durante os dois anos em que combateram em Moçambique.

Na estrutura do livro surgem três capítulos, aparentemente algo diferentes no seu conteúdo.

Tendo constatado, após a publicação da História do BCP 21 que as referências a Angola, Teatro de Operações onde a Unidade teve a sua vivência, haviam interessado também a pessoas não ligadas à profissão militar, entendi seguir a mesma metodologia e incluir um capítulo relativo a Moçambique na época dos acontecimentos – 1966 a 1968 –, na presunção de que a descrição da sua história, da sua geografia física e humana possam vir a interessar aqueles portugueses que lá viveram e que, de um modo tão brutal, se viram afastados da terra que haviam escolhido como sua.

O Capítulo II descreve a subversão e a contra-subversão em Moçambique. Aborda os movimentos emancipalistas que mais influência tiveram na descolonização e os países adjacentes, muito diferentes entre si nas suas ideologias, sistemas políticos, económicos e sociais e nas suas atitudes para com Portugal e Moçambique.

Relativamente à contra-subversão dá-se a conhecer a estratégia aplicada em Moçambique e os seus propósitos, fazendo-se referência não só ao seu objectivo principal, como a outros concretizados em acções das quais a manobra militar interna se apresenta com algum desenvolvimento. Como consequência, descrevem-se as Forças Terrestres, Aéreas e Navais no Teatro de Operações e é dado um certo ênfase ao Batalhão de Caçadores Pára-quedistas N° 31 e à **4ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas**, no que diz respeito à sua formação e organização para o combate.

O Capítulo III desenvolve com muito pormenor a actividade operacional da 4ª CCP durante a sua permanência em Moçambique, sendo de realçar que os factos descritos são de um rigor absolutamente inultrapassável, já que transcrevem praticamente as fontes oficiais consultadas.

Com esta abordagem não se pretende evidenciar factos ou atitudes heróicas, mas apenas apresentar as vivências de um grupo de pára-quedistas numa época em que se acreditava que defender Moçambique era defender Portugal.

Após ter escrito esta obra é de toda a justiça referir que ela só é dada à estampa pela ajuda que recebi de várias pessoas.

Merece uma referência especial a minha mulher, pelo apoio e paciência que sempre demonstrou aquando da revisão do texto e, mais uma vez, a ajuda imprescindível

1 O autor escreve na ortografia antiga

do tenente-coronel pára-quedista José Barbosa relativamente à pesquisa dos vários elementos que ajudaram a melhorar a obra, e ao trabalho inerente à escrituração e informatização dos manuscritos até à sua entrega na editora. Ao Smor Serrano Rosa, agradeço a digitalização das fotografias e ao Smor Carlos Tomé e ao Vieira agradeço os inúmeros contactos com a editora.

Acompanhando, normalmente, as missões, o Comando e o Estado-Maior do Batalhão teve, muitas vezes, a possibilidade de colaborar no planeamento e na condução das mesmas, o que possibilitou, quase sempre, o melhor aproveitamento das características da subunidade. Contudo, mesmo com elementos do Batalhão presentes no planeamento, todas as operações, com uma única excepção no distrito do Niassa, foram realizadas na região de Mueda e Nangololo, no planalto dos Macondes, onde o terreno era mais inóspito e a vegetação mais densa e difícil e o inimigo mais duro e aguerrido.

Este inimigo estava bem armado e conhecia o terreno como ninguém. Só uma força bem treinada, possuidora de elevado moral, grande capacidade física e muita robusticidade se lhe conseguia opor. Ainda hoje, nas reuniões anuais com os antigos combatentes da 4.^a Companhia, se discute se o guerrilheiro maconde não teria sido o mais duro e difícil adversário que defrontei durante a minha permanência de sete anos nos teatros de operações de Angola e Moçambique.

Durante dois anos, a Companhia, alterando os períodos operacionais com outros destinados à recuperação física e psicológica do pessoal, bateu-se duramente no planalto de Mueda. Embora com algumas baixas, os seus caçadores pára-quedistas, cumpriram com grande estoicismo e com muito brilho as missões atribuídas. Por vezes, de tal modo o fizeram, que hoje, decorridos quase três décadas, em homenagem à sua coragem e espírito de bem servir, tomo a liberdade de transcrever o que a imprensa moçambicana publicou aquando do desfile de despedida destes bravos soldados, na cidade de Lourenço Marques.

«NA HORA DO REGRESSO DESFILE DE PÁRA-QUEDISTAS NA BAIXA. A ACÇÃO NO NORTE DOS BOINAS VERDES

«Lourenço Marques verá amanhã, nas suas ruas, os valorosos militares que, terminada a sua comissão de serviço, regressam à Metrópole com a consciência plena de bem terem cumprido o seu dever. Na nossa edição de amanhã nos referiremos largamente ao acontecimento e ao desfile geral após a tradicional cerimónia de despedida que se deverá efectuar, como habitualmente, junto à Praça de Mouzinho. Entretanto, podemos referir que, entre os contingentes de regresso, se conta a 4.^a Companhia de Caçadores Pára-quedistas do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas n.º 31 que, nesta província, permaneceu cerca de dois anos.

«Brilhante foi a acção desenvolvida pelos rápidos rapazes da boina verde, que amanhã se despedirão da cidade com imponente desfile com início às 15 horas, partindo do largo fronteiro ao edificio da Fazenda e avançando pela Av. da República e Av. General Machado até à Praça Mac-Mahon. E de certo que o público acorrerá a formar alas ao longo de toda a Baixa, não só porque esse punhado de bravos bem merece

toda a simpatia e calor humano que lhes dispensemos, mas igualmente porque se tornaram de há muito famosos, com o seu garbo impecável, os desfiles dos Boínas Verdes.

«Nestes dois anos, de intensa e extraordinária actividade, a 4.ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas efectuou trinta e cinco operações no Norte da província, desde o lago Niassa ao Oceano Índico entre os rios Rovuma e Messalo.

«Efectuando a grande maioria das operações nas regiões do planalto de Mueda e áreas limítrofes, onde o inimigo é mais aguerrido e mais bem armado, onde a sede e o calor mais atormentam os homens e onde a falta de água tornam mais difíceis as árduas tarefas de que as tropas são incumbidas, desenvolveu a 4.ª Companhia de Pára-quedistas um trabalho intenso, esforçado e de resultados remuneradores.

«Do balanço geral das suas actividades ressaltam os vultuosos números de 448 baixas causadas ao inimigo, captura diversa, armamento entre espingardas de repetição, semi-automáticas, pistolas-metralhadoras e metralhadoras ligeiras, munições, fardamento e equipamento e artigos vários e a destruição de acampamentos de bandoleiros e populações fugidas, que atingiram a ordem das centenas de palhotas e outras edificações diversas.

«Acção abnegada, esforçada e devotado desejo de vencer da 4.ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas arrostando todos os perigos e ardis do inimigo causando sucessivas baixas e destruições nos seus meios, e vencendo todas as dificuldades que se lhes depararam muito contribuiu para o desequilíbrio e desarticulação ultimamente verificados no seio dos terroristas de Cabo Delgado.

«Denodada e estoicamente a 4.ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas soube superar todas as asperezas e agruras da luta contra o terrorismo, afirmando constantemente a firme determinação do povo em querer que Moçambique seja sempre Portugal.

«Entregando-se integralmente ao querer vencer, actuando em zonas inóspitas, sempre no esforço de ir mais além e de provar ao inimigo que ele só poderá estar onde as forças portuguesas não estiveram, a 4.ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas desenvolveu assinalado esforço, sobrepondo-se, "mais do que permitia a força humana" ao desgaste natural da luta e dos milhares de quilómetros percorridos.

«Impondo sempre uma acção dinâmica, de marcado espírito ofensivo e com determinadas qualidades de agressividade e determinação, percorrendo quilómetros e quilómetros por montes e vales do Norte da província, sujeitando o inimigo a debandar desordenadamente quando não se furtava ao combate, a 4.ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas, soube granjear uma elevada reputação operacional para as tropas pára-quedistas e para as Forças Armadas portuguesas.

«Pela actividade operacional desenvolvida, pela grandeza do esforço dispendido, pelo espírito combativo demonstrado, pela actuação da 4.ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas, do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas n.º 31, soube dignificar o elevado conceito em que são tidas as tropas pára-quedistas e dela se poderá dizer com orgulho e satisfação que "honra-se a Pátria de tal gente".»

espólio do seu fardamento ficando apenas com o uniforme de passeio – PQ7 – com que embarcaram no paquete Vera Cruz com destino à Metrópole.

Com o navio já em alto mar, o Comando do BCP31 recebeu instruções superiores no sentido da Companhia desembarcar em Lourenço Marques, onde deveria desfilar perante a população local.

Como os militares só dispunham de uniforme de passeio o Comandante da Companhia, que ainda se encontrava na Beira, deslocou-se num avião NORD ATLAS a Lourenço Marques, levando consigo as armas individuais e os uniformes de combate PQ9 que haviam pertencido aos militares embarcados.

Equipados e armados todos os militares, a 4ª CCP desfilou nas principais avenidas da capital perante enorme multidão, com o orgulho e a consciência do dever cumprido, após o que regressou ao navio e continuou a sua viagem tendo chegado a Tancos em 04 de Setembro de 1968 (O.S. 209/68 do RCP).



Cerimónia de despedida da Companhia em Lourenço Marques



Desfile em Lourenço Marques antes do regresso à Metrópole

Procurando transmitir a melhor imagem deste acontecimento, apresenta-se um extracto de um dos jornais locais datado desse dia:

«Ei-los, firmes, garbosos, aprumados, marchando como só eles o sabem, bota negra de cordões brancos martelando duro o chão que pisam, rosto alevantado num desafio, braços num sobe-que-desce ritmado, num sincronismo perfeito, nos cabelos que o sol queimou e o vento sacode, a boina verde. Assim viu a cidade desfilar os bravos da 4ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas nº 31, na hora do regresso à Terra-Mãe, depois de rijamente se terem batido desde o Lago Niassa ao Índico, entre Rovuma e Messalo em dois anos de luta intensa traduzidos por 35 operações, 448 baixas ao inimigo e a captura de numeroso material bélico. Partiram; outros ficaram no seu lugar, na luta sem tréguas contra o inimigo, tal como eles ostentando orgulhosamente o seu símbolo de glória: as boinas verdes.»

ÍNDICE

❖	PREFÁCIO	5
❖	CAPÍTULO I – A PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE	7
	▪ RESENHA HISTÓRICA.....	7
	▪ GEOGRAFIA FÍSICA	13
	○ SITUAÇÃO, ÁREA E LIMITES.....	13
	○ OROGRAFIA.....	13
	○ HIDROGRAFIA	14
	○ CLIMA	15
	○ FLORA	16
	○ FAUNA	16
	▪ POPULAÇÃO.....	17
	○ DEMOGRAFIA.....	17
	○ ETNIAS	18
	▪ ORGANIZAÇÃO POLITICO-ADMINISTRATIVA.....	20
	▪ ECONOMIA.....	21
	▪ MEIOS DE COMUNICAÇÃO E TRANSPORTES	22
	▪ ASSISTÊNCIA, EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO.....	24
❖	CAPÍTULO II – A SUBVERSÃO E A CONTRA-SUBVERSÃO EM MOÇAMBIQUE	27
	▪ OS MOVIMENTOS EMANCIPALISTAS.....	27
	▪ OS PAÍSES ADJACENTES.....	30
	▪ A SUBVERSÃO.....	31
	▪ A CONTRA-SUBVERSÃO E A MANOBRA MILITAR	34
	○ Forças aéreas e navais na contra subversão	36
	▪ O BCP 31 EM MOÇAMBIQUE.....	39

❖	CAPÍTULO III – A 4ª COMPANHIA DE CAÇADORES PÁRA-QUEDISTAS	45
	▪ FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE.....	45
	▪ O MATERIAL E AS INFRAESTRUTURAS	47
	○ O MATERIAL	47
	○ AS INFRAESTRUTURAS	50
	▪ ACTIVIDADE OPERACIONAL.....	52
	○ O EMPREGO OPERACIONAL DAS NT	52
	○ OPERAÇÕES REALIZADAS.....	53
	○ SÚMULA DA ACTIVIDADE OPERACIONAL.....	150
	▪ A VIDA QUOTIDIANA NO AQUARTELAMENTO	151
	○ A INSTRUÇÃO E O TREINO OPERACIONAL.....	153
	○ A ACTIVIDADE AEROTERRESTRE.....	156
	○ OUTRAS ACTIVIDADES	158
❖	ANEXOS.....	163
	▪ O COMANDANTE DE COMPANHIA.....	165
	▪ PESSOAL.....	166
	○ EFFECTIVOS	166
	▪ OS GRUPOS DE COMBATE.....	173
	▪ AQUELES EM QUEM PODER NÃO TEVE A MORTE	175
	○ MORTOS EM COMBATE.....	175
	○ MORTO EM SERVIÇO POR ACIDENTE	175
	▪ JUSTIÇA E DISCIPLINA	176
	○ LOUVORES COLECTIVOS.....	176
	○ REFERÊNCIAS ELOGIOSAS	178
	○ MILITARES CONDECORADOS	180
	○ MILITARES PROMOVIDOS POR DISTINÇÃO POR FEITOS EM CAMPANHA	182

○	LOUVORES INDIVIDUAIS	183
○	MILITARES LOUVADOS	185
○	PROCESSOS DISCIPLINARES	189
▪	ACTIVIDADE OPERACIONAL.....	190
○	CRONOLOGIA DAS OPERAÇÕES DE COMBATE.....	190
○	RESUMO DOS RESULTADOS OBTIDOS.....	190
❖	GLOSSÁRIO DE SIGLAS E ABREVIATURAS	191
❖	BIBLIOGRAFIA	193

A 4.ª COMPANHIA DE CAÇADORES PÁRA-QUEDISTAS

EXECUÇÃO GRÁFICA:
INDUGRÁFICA, INDÚSTRIA GRÁFICA, LDA. - FÁTIMA